

Artigos livres

Característica ontológica do trabalho: reflexão do conceito de trabalho em Karl Marx

Ontological characteristic of work: reflection on the concept of work in Karl Marx

Característica ontológica del trabajo: reflexión sobre el concepto de trabajo en Karl Marx

João Luiz Franzon¹ 

¹Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

O presente estudo busca compreender a característica ontológica do conceito de “trabalho” nas obras de Karl Marx (1818-1883). O método utilizado parte de uma abordagem qualitativa, mais especificamente de caráter bibliográfico, a qual será mobilizada juntamente com a análise dialética do conceito. As obras marxianas selecionadas para a elaboração da pesquisa foram: A Ideologia Alemã (2001); Manuscritos Econômico-Filosóficos (2004) e O Capital (2013), as quais possuem elementos centrais para o entendimento do conceito e de sua característica ontológica. O caráter ontológico do trabalho possibilita a compreensão da forma como o ser humano desenvolve suas capacidades físicas e mentais enquanto necessidades naturais e sociais. Além do uso da dialética como parte metodológica para compreender o movimento e o desenvolvimento do ser social, por meio de contradições e superações, a pesquisa busca compreender o método de Marx, denominado de materialismo histórico-dialético. O objetivo da pesquisa busca verificar o papel do trabalho humano nas relações sociais, sendo este inerente ao ser humano para a realização plena das suas capacidades físicas e mentais na sociedade. A estrutura da pesquisa segue três seções articuladas: (1) o método materialista histórico dialético como fundamento da análise; (2) a dimensão ontológica do trabalho e (3) o conceito de trabalho no sistema capitalista.

Palavras-chave: Trabalho; Ontologia; Materialismo histórico-dialético

ABSTRACT

This study seeks to understand the ontological characteristic of the concept of “labor” in the works of Karl Marx (1818-1883). The method used is based on a qualitative approach, more specifically of

a bibliographic nature, which will be mobilized together with the dialectical analysis of the concept. The Marxist works selected for the elaboration of the research were: The German Ideology (2001); Economic and Philosophical Manuscripts (2004) and Capital (2013), which have central elements for understanding the concept and its ontological characteristic. The ontological character of labor allows for an understanding of how human beings develop their physical and mental capacities as natural and social needs. In addition to using dialectics as a methodological part to understand the movement and development of the social being, through contradictions and overcoming, the research seeks to understand Marx's method, called historical-dialectical materialism. The objective of the research is to verify the role of human labor in social relations, being inherent to human beings for the full realization of their physical and mental capacities in society. The research structure follows three interconnected sections: (1) the historical dialectical materialist method as the foundation of the analysis; (2) the ontological dimension of work; and (3) the concept of work in the capitalist system.

Keywords: Work; Ontology; Historical-dialectical materialism

RESUMEN

Este estudio busca comprender la característica ontológica del concepto de "trabajo" en la obra de Karl Marx (1818-1883). El método empleado se basa en un enfoque cualitativo, más específicamente bibliográfico, que se movilizará junto con el análisis dialéctico del concepto. Las obras marxistas seleccionadas para la elaboración de la investigación fueron: La ideología alemana (2001); Manuscritos económico-filosóficos (2004) y El Capital (2013), que contienen elementos centrales para la comprensión del concepto y su característica ontológica. El carácter ontológico del trabajo permite comprender cómo los seres humanos desarrollan sus capacidades físicas y mentales como necesidades naturales y sociales. Además de utilizar la dialéctica como parte metodológica para comprender el movimiento y desarrollo del ser social, a través de contradicciones y superación, la investigación busca comprender el método de Marx, denominado materialismo histórico-dialéctico. El objetivo de la investigación es verificar el papel del trabajo humano en las relaciones sociales, siendo inherente a los seres humanos para la plena realización de sus capacidades físicas y mentales en la sociedad. La estructura de la investigación sigue tres secciones interconectadas: (1) el método materialista dialéctico histórico como fundamento del análisis; (2) la dimensión ontológica del trabajo; y (3) el concepto de trabajo en el sistema capitalista.

Palabras-clave: Trabajo; Ontología; Materialismo histórico-dialéctico

1 INTRODUÇÃO

O conceito de trabalho no pensamento marxiano possui posição central nos debates. Marx analisa a indissociabilidade do trabalho com o ser humano, sendo característica da sua própria formação enquanto ser social. O processo de relação entre o indivíduo e a natureza é mediado pelo trabalho e, por meio deste, o ser humano se desenvolve enquanto ser social. Com o materialismo histórico-dialético, torna-se

possível verificar a característica do conceito de trabalho no tempo, em diferentes formas de organização social, assim como as contradições existentes entre o trabalho humano e o modo de produção de determinado tempo histórico.

A problemática que estrutura a pesquisa visa compreender o trabalho no pensamento marxiano enquanto característica ontológica, o qual constitui a característica essencial do ser humano enquanto ser social. Segundo Marx (2001, p. 10), “a primeira condição de toda a história humana é naturalmente a existência de seres humanos vivos”, ou seja, por meio do trabalho físico e mental se torna possível transformar as condições materiais de existência, que possibilita ao ser humano obter as condições básicas de reprodução e manutenção que constituem o primeiro passo para o desenvolvimento das relações sociais.

Dessa forma, o ser humano difere das outras espécies pela capacidade produzir e reproduzir seus meios de existência, sendo um desenvolvimento para além dos demais seres vivos. Assim, as transformações das condições materiais - como por exemplo o aumento de indivíduos em constante convivência coletiva - possibilitou o desenvolvimento da organização, reprodução e cooperação entre indivíduos e, conseqüentemente, o avanço da lógica de intercâmbio dos produtos para a satisfação das necessidades (Marx, 2001, p. 26).

Nesse sentido, a complexificação social, por meio do desenvolvimento das condições materiais e das forças produtivas, possibilitou o surgimento da divisão do trabalho. Marx afirma que após isso, ocorreu a separação entre trabalho industrial e comercial de um lado e trabalho agrícola de outro, assim como a separação entre cidade e campo (2001, p. 12).

Com a trajetória histórica das transformações sociais, sendo a divisão do trabalho complexificada e transformada constantemente, a lógica da propriedade privada foi sendo estruturada e institucionalizada, na qual encontra seu ápice de desenvolvimento histórico na forma de organização capitalista. Nesta sociedade a divisão do trabalho se tornou complexa, na qual possui como característica a inter-relação e interdependência dos indivíduos no meio social. Segundo Marx (2001, p. 18), “a estrutura social e o Estado nascem continuamente do processo vital de indivíduos

determinados, mas estes indivíduos não tais como aparecem nas representações, mas na sua existência real, isto é, tais como trabalham e produzem materialmente”.

Portanto, a pesquisa busca realizar uma reflexão sobre o conceito de trabalho em Karl Marx. O estudo foi dividido nas seguintes seções: (1) Introdução; (2) Metodologia; (3) O Método de Marx; (4) O trabalho em Marx: conceitos, origens e diferenças históricas, que se subdivide em: seção (4.1) Características ontológicas do trabalho e (4.2) O trabalho no sistema capitalista. Por fim, a seção de Considerações Finais retoma o conteúdo abordado brevemente para a conclusão da pesquisa.

2 METODOLOGIA

Para as bases metodológicas do presente estudo, foi utilizado um método de caráter qualitativo, o qual envolve o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica em torno de algumas das principais obras de Karl Marx¹. Além disso, o desenvolvimento da pesquisa segue uma lógica dialética como princípio interpretativo, o qual através do movimento de contradições e superações das condições materiais, o trabalho ocupa posição central para o desenvolvimento da sociedade. Dado que as obras possuem contextos e objetivos destoantes, o estudo buscou analisar especificamente as questões relativas ao conceito de trabalho nas diferentes obras.

As bibliografias marxianas que foram mobilizadas são: *A Ideologia Alemã* (2001); *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (2004) e *O Capital* (2013). Somado a isso, foi utilizado uma breve parte introdutória da obra de Hegel, denominada de *A Fenomenologia do Espírito* (1992) para auxiliar na compreensão do conceito.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi abordado em primeiro aspecto o método de análise marxiano. Este método denominado Materialismo histórico-dialético possibilita a compreensão do ponto de partida de Marx para realizar sua análise do conceito de trabalho para o desenvolvimento humano. Após isso, o foco

¹ Destaca-se que a pesquisa não tem como objetivo exaurir a questão do trabalho em Marx, mas trazer a tona uma reflexão acerca das concepções do autor sobre o conceito de trabalho e como este sustenta e estrutura o desenvolvimento humano.

do estudo versou sobre o conceito de trabalho para refletir sobre suas características ontológicas. Por fim, trata-se do conceito de trabalho na sociedade capitalista.

3 O MÉTODO DE MARX

Durante sua trajetória acadêmica, Marx teve seu pensamento influenciado por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo que alcançou grande notoriedade na época e influenciou o pensamento filosófico alemão do séc. XIX. Hegel é uma figura central no pensamento de Marx, principalmente por meio do método dialético hegeliano - que, de forma breve, consiste na compreensão da realidade em torno do movimento proporcionado por contradições e superações do Espírito. A filosofia da época era dominada pelo pensamento hegeliano de tal forma que, durante a graduação de Marx em Direito, existia o grupo dos Jovens Hegelianos, que buscava aprofundar e criticar a filosofia de Hegel e do qual Marx fazia parte (Marx, 2001).

O método que fundamenta a análise hegeliana é idealista. O movimento da realidade ocorre por meio da Tese (ideia primária), que entra em contradição com a Antítese (negação da ideia primária), resultando na Síntese (nova ideia, que supera as demais). As ideias, representações e conceitos – enquanto produtos da consciência – formam o motor de desenvolvimento das sociedades (Marx, 2001, p. 9). Hegel se constitui como figura central nesse contexto, pois inaugura uma forma lógica e sistemática de analisar a realidade partindo do ideal, na qual visa demonstrar o desenvolvimento histórico através de um método científico (Vaz, 1998, p. 10).

Nesse sentido, os primeiros contatos acadêmicos de Marx com a análise socioeconômica e histórica da realidade foram através do idealismo hegeliano. Sua ruptura com esse método idealista ocorreu nos embates com os jovens hegelianos, sendo os principais teóricos: David Friedrich Strauss (1808-1874), Bruno Bauer (1809-1882), Max Stirner (1806-1856) e Ludwig von Feuerbach (1804-1872).

Em Hegel o processo linear de desenvolvimento do Espírito – enquanto desenvolvimento subjetivo individual que, dialeticamente, se desenvolve junto ao

espírito coletivo – se torna alvo de críticas pelos jovens hegelianos (Hegel, 1992). Esse fenômeno promoveu a decomposição do Espírito Absoluto, o qual possibilitou a ascensão de novas análises para o campo da filosofia (Marx, 2001).

Em 1841 Feuerbach publicou *A essência do Cristianismo*, obra inovadora no campo filosófico e simultaneamente um ataque contundente ao idealismo hegeliano. O autor introduziu o materialismo como método para compreender a religião, em que apresenta a figura de Deus como a expressão das qualidades do ser humano, ou seja, era em Deus que se encontrava a essência do indivíduo (Marx, 2001).

Nesse sentido, o autor contrapõe o Espírito Absoluto de Hegel e sua concepção idealista, por meio de uma análise com viés antropológico, em que o indivíduo é quem cria Deus alienando sua essência à figura divina. Esse primeiro movimento de Feuerbach – ao transpor a análise idealista para a materialidade - terá impacto significativo em todo o pensamento marxiano. Marx e Engels (2001), partindo do materialismo feuerbachiano, superam este método e inauguram o método denominado de materialismo histórico-dialético.

Por meio da influência de Hegel e Feuerbach, mais especificamente da dialética hegeliana e da transposição do ideal para o material realizada em parte nas obras de Feuerbach, Marx e Engels realizaram em suas obras o que mais tarde foi denominado materialismo histórico-dialético. Este método nega as teses de Hegel e Feuerbach e, através do movimento dialético, as supera, invertendo a tese hegeliana do ideal para o material e expandindo as análises materiais de Feuerbach. Para ilustrar o método elaborado por Marx e Engels;

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos (Marx, 2011, p. 25)

Nesta passagem da obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, percebe-se a análise materialista de Marx: Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que

determina a consciência (Marx, 2001, p. 25). Enquanto o pensamento hegeliano dominava o meio filosófico acadêmico, a compreensão da realidade partia do ideal para o material, ou seja, através do movimento dialético da superação das ideias de determinado contexto, as sociedades se transformam a partir do desenvolvimento do Espírito. Feuerbach contrapõe esta tese e, posteriormente, Marx rompe de fato com o idealismo ao afirmar que a análise deve partir do material, das condições de existência em que os indivíduos se encontram.

4 O TRABALHO PARA MARX: CONCEITOS, ORIGENS E DIFERENÇAS HISTÓRICAS

4.1 A característica ontológica do trabalho

O trabalho, na teoria marxiana, não se constitui apenas como um conceito, mas sim como a dimensão ontológica do ser humano, sendo indispensável para sua própria existência. Como pressuposto fundamental da existência humana, o ser humano deve ter condições de viver para poder fazer história (Marx, 2001). Assim, a satisfação das necessidades materiais, através do trabalho, possibilitou a reprodução da vida humana².

Desse modo, o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza (Marx, 2013). A condição de existência é determinada pela relação entre o ser humano e a natureza, na qual o trabalho opera como elemento essencial, permitindo o domínio do segundo pelo primeiro e o desenvolvimento do ser humano enquanto ser, nas condições naturais, sociais e históricas.

Com a satisfação das necessidades básicas – comer, beber, construir um abrigo, fazer uma fogueira - surgem novas necessidades e a produção dessas novas necessidades consolida o primeiro ato histórico do ser humano (Marx, 2001, p. 25³).

² Importante frisar que o trabalho, nesse contexto, não é o trabalho assalariado, e sim a dimensão do trabalho como constituição do ser humano (ontológico). Analisando de forma dialética, temos o trabalho intelectual e o trabalho físico, através da intersecção dessas duas formas conceituais abstratas, o ser humano dispõe energia física e intelectual para satisfazer suas necessidades.

³ Na introdução da edição escolhida, a numeração da página está da seguinte forma (XXV).

Essa forma de abordagem marxiana demonstra como o método materialista histórico dialético está presente nas análises de Marx. É possível perceber como o autor parte do real para explicar o movimento histórico dialético do desenvolvimento do ser humano.

A partir disso, o desenvolvimento humano e social se efetiva através da realização de novas necessidades que surgem e são materializadas pelo trabalho. A família, por exemplo, emerge nesse desenvolvimento, sendo inicialmente a única forma de relação social (Marx, 2001)⁴. A relação do indivíduo com outros indivíduos dá origem a família – resultante das novas necessidades que emergem após a satisfação das necessidades básicas de sobrevivência – formando duas relações, uma natural (manutenção da vida) e outra social (ação de vários indivíduos para a manutenção da vida e desenvolvimento das relações sociais). A cooperação familiar dá origem a divisão do trabalho, homens caçam, mulheres colhem ou vice-versa, facilitando a satisfação das necessidades humanas na família e, constituindo, portanto, a força produtiva do momento histórico.

A partir da satisfação das necessidades fundamentais e do estabelecimento da cooperação como relação social, o ser humano desenvolve a consciência. A linguagem, enquanto fenômeno histórico-material, advém da necessidade material de se comunicar com outros indivíduos e promover uma organização social mais complexa e estruturada. Sendo assim, o trabalho físico e o trabalho intelectual são dimensões do trabalho analisadas dialeticamente, que compõem a dimensão do trabalho humano e do desenvolvimento social.

4.2 O trabalho no sistema capitalista

Na forma de organização capitalista, o trabalho enquanto característica ontológica do ser humano - que compreende o dispêndio de energia física e mental para o desenvolvimento da sociedade - está imbuído de outra dimensão, baseada na

⁴ É necessário evidenciar que esse desenvolvimento não é composto por etapas. Para fins didáticos, é separado em estágios diferentes. Segundo o próprio Marx: "Não se devem compreender esses três aspectos da atividade social como três estágios diferentes, mas tão somente como três aspectos ou, para empregar uma linguagem clara para os alemães, três "momentos" que coexistiram desde o começo da história e desde os primeiros homens, e que ainda hoje se manifestam na história" (2001, p. 23).

exploração do trabalho. O trabalho realizado pelo indivíduo resulta do seu tempo e esforço para a materialização de um determinado produto final que, nesta sociedade, torna-se mercadoria. Este produto final é alienado do trabalhador, em troca de um salário de subsistência que permita a manutenção mínima da força de trabalho para dar sequência a produção incessante de mercadorias. Assim, o reconhecimento do indivíduo como produtor direto do produto final é ocultado por meio da relação entre alienação e exploração da força de trabalho.

Na obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos (1844)*, Marx analisa a relação entre o detentor da propriedade fundiária e o arrendatário. O direito dos proprietários fundiários tem origem no roubo, conforme destaca o autor no capítulo 24 da obra *O Capital (2013)*, denominado “A assim chamada acumulação primitiva”. “Os proprietários fundiários gostam, como todos os homens, de colher onde não semearam e exigem renda inclusive pelo produto natural da terra” (Say; Smith, apud Marx, 2004). A luta de classes se efetiva, portanto, entre os detentores da propriedade privada dos meios de produção, em contraste com os possuidores apenas da força de trabalho⁵.

Na obra *O Capital (1867)*, Marx detém seu foco analítico no modo capitalista de produção, sistema em consolidação no tempo histórico de vivência do autor. Para o desenvolvimento da concepção de trabalho nesse sistema, a luta de classes constitui o motor que opera sobre os seres humanos na sociedade capitalista. O método materialista histórico-dialético está presente em toda a obra de Marx. Especificamente em *O Capital*, a escolha dos capítulos e a forma de abordagem dos conceitos evidenciam essa característica, que estão presentes do início ao fim da obra⁶.

⁵ Nesta parte da obra, Marx destaca três classes diferentes: O capitalista (detentor do capital), o proprietário fundiário (detentor da terra) e o trabalhador (arrendatário/assalariado). No entanto, a consequência do processo de acumulação de capital, possibilitou a fusão de duas classes - dos proprietários fundiários e dos capitalistas - na classe capitalista. A última consequência é, portanto, a dissolução da diferença entre capitalista e proprietário fundiário, de modo que, no todo, só se apresentam, portanto, duas classes de população, a classe trabalhadora e a classe dos capitalistas (Marx, 2004)

⁶ A mercadoria constitui o primeiro capítulo do livro. A explicação disso decorre que Marx parte do núcleo do sistema capitalista, ou seja, sua característica mais comum e essencial do modo de produção. A análise parte da essência para a aparência, da sua forma elementar (Marx, 2013) para as camadas mais visíveis. Além disso, o processo de negação e superação dialética permeiam os capítulos da obra, através do processo de abstração dos conceitos. Por exemplo, trabalho (trabalho concreto e trabalho abstrato), permitindo “abrir” os conceitos e analisar relações que essa forma de abordagem possibilita.

A partir da explicação da mercadoria como essência do capitalismo, Marx introduz o duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias (Marx, 2013). No processo de abstração dos conceitos, o trabalho é dividido em trabalho concreto e trabalho abstrato. Sinteticamente, o trabalho concreto ou útil é o trabalho que se diferencia entre uma mercadoria e outra, por exemplo: para produzir um casaco é necessário um processo específico de trabalho, diferente do trabalho utilizado para a produção de um sapato. Segundo Marx, “o trabalho, cuja utilidade se representa, assim, no valor de uso de seu produto, ou no fato de que seu produto é um valor de uso⁷, chamaremos aqui, resumidamente, trabalho útil” (Marx, 2013, p. 165).

A outra face do trabalho é denominada de trabalho abstrato. Considerando que no modo de produção capitalista as relações sociais se exprimem através da troca de mercadorias, necessita-se chegar a um ponto em comum nas mercadorias para a troca se tornar viável. Como trocar mercadorias que possuem qualitativamente trabalhos diferentes? De que forma poderá ser feito a equivalência dos produtos para que a troca se torne possível? Segundo o próprio Marx:

Abstraindo da determinidade da atividade produtiva e, portanto, do caráter útil do trabalho, resta o fato de que ela é um dispêndio de força humana de trabalho. Alfaiataria e tecelagem, embora atividades produtivas qualitativamente distintas, são ambas dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc (Marx, 2013, p. 168).

Sendo assim, o trabalho abstrato se constitui como massa amorfa de trabalho, a parte comum do processo produtivo de todas as mercadorias. Tanto no casaco, quanto no sapato, existe o dispêndio de energia humana para a materialização do produto, ou seja, da mercadoria. Toda mercadoria no sistema capitalista, portanto, é fruto do trabalho humano exteriorizado e materializado no produto final.

Dado que toda produção de mercadorias advém do trabalho humano, a força de trabalho do proletariado constitui a manutenção do sistema capitalista. A base do sistema capitalista é a propriedade privada, que possibilita a exploração da força

⁷ O valor de uso pode ser definido como: a utilidade da mercadoria para satisfazer as necessidades do ser humano (Marx, 2013).

de trabalho dos trabalhadores pela classe burguesa. Diante disso, a mercadoria – produzida pelos trabalhadores por meio do trabalho – adquire um caráter místico, a qual impossibilita que o trabalhador reconheça que o produto final que resulta do processo produtivo seja obra de quem o produziu.

A forma-mercadoria que o produto do trabalho adquire quando materializado, oculta as relações sociais de produção por trás do processo produtivo da mercadoria. Quando a mercadoria é exposta no mercado, não se enxerga o trabalho árduo dos trabalhadores para dar origem ao produto que os indivíduos vão adquirir na compra. Segundo Marx, “os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens[...] A isso eu chamo de fetichismo” (Marx, 2013, p. 206-207).

Este processo de ocultação das relações de produção, contribui para o fenômeno da alienação do trabalho. O trabalhador não se reconhece na mercadoria que ele mesmo produziu, que foi resultado do seu dispêndio de energia no processo produtivo. Ao invés do trabalhador ficar com o produto de seu trabalho, esse produto é alienado do trabalhador e colocado a venda para toda a sociedade consumir.

No entanto, para que todo esse processo seja possível, o trabalhador deve ser visto, também, como mercadoria. Ele e o detentor de capital se encontram no mercado e estabelecem uma relação mútua como iguais possuidores de mercadorias, com a única diferença de que um é comprador e o outro vendedor, sendo ambos, portanto, pessoas juridicamente iguais (Marx, 2013, p. 313). Percebe-se que o capitalista é detentor dos meios de produção e consequentemente do capital. O trabalhador é detentor da sua força de trabalho, necessária para a engrenagem do sistema funcionar. Quando o trabalhador é coagido a vender sua força de trabalho, ele a troca por meios de subsistência para se manter vivo. O produto se transforma em propriedade do capitalista, não do produtor direto.

Aliado a isso, Marx formula o conceito de mais-valia (ou mais valor) que compõe o processo produtivo e possibilita a expropriação de parte do valor produzido durante

a produção das mercadorias pelo capitalista. Para compreender esse processo, abstraí-se o conceito de tempo de trabalho em: tempo de trabalho necessário e tempo de trabalho excedente (Marx, 2013).

O tempo de trabalho necessário, constitui o tempo necessário que o trabalhador precisa, dado o desenvolvimento das forças produtivas do momento, para produzir o equivalente a sua remuneração. O tempo de trabalho excedente, refere-se ao trabalho que vai além dos limites do trabalho necessário em que o trabalhador é submetido, gerando mais valor para o capitalista⁸. O resultado desse processo produtivo demonstra que o trabalhador trabalha, em média, metade da jornada (trabalho necessário) para si e a outra metade (trabalho excedente) para o capitalista⁹ (Marx, 2013, p. 374).

Nesse ínterim, Marx desenvolve o fenômeno da divisão do trabalho no sistema capitalista, resultado das inovações tecnológicas advindas da revolução industrial (1760-1840). A lógica mercadológica e lucrativa presente no sistema capitalista promoveu e promove formas de expandir a expropriação de mais-valia do trabalhador. A divisão do trabalho foi se intensificando no sistema capitalista, no qual cada vez mais o trabalho para a fabricação do produto é fracionado entre os trabalhadores da indústria. Uma carruagem, por exemplo, era o produto total dos trabalhos de um grande número de artesãos independentes como segeiro, seleiro, costureiro, serralheiro, correeiro, torneiro, vidraceiro, pintor, envernizador, dourador etc. (Marx, 2013, p. 511). O produto final advém da união dos trabalhadores que dedicam parcialmente seu trabalho em esferas específicas da produção.

A divisão manufatureira do trabalho é específica do modo de produção capitalista (Marx, 2013, p. 538). Perde-se o reconhecimento do trabalhador no produto final. “Ela aleija o trabalhador, converte-o numa aberração, promovendo artificialmente sua habilidade detalhista por meio da repressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas” (2013, p. 539). Dessa forma, o trabalhador é limitado pela divisão do

⁸ Marx denomina também o trabalho realizado durante o trabalho excedente de mais-trabalho (Marx, 2013). Além disso, Marx exemplifica em números e exemplos como essa extração se dá na realidade concreta, para maior aprofundamento ver o capítulo 7 de *O Capital* (2013), denominado “A taxa do mais-valor”.

⁹ Destaca-se que não é necessariamente a metade. No capítulo 8, denominado “A jornada de trabalho”, Marx mostra os limites dessa jornada de trabalho em diferentes cargas horárias e como a extração do mais valor se comporta nas variáveis.

trabalho na sociedade capitalista. O trabalho tem dimensão ontológica e, por meio dele, o ser humano se desenvolve individualmente e socialmente. Quando esse trabalho é fracionado e o trabalhador não se reconhece no produto de seu próprio trabalho, acaba por se tornar apenas uma engrenagem do sistema, limitando sua capacidade produtiva e criativa e subjugando-a a produção de mercadorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo abordar o conceito de trabalho em Karl Marx e como o autor desenvolve o trabalho em suas obras. O intuito do trabalho foi refletir como a categoria 'trabalho' constitui uma característica ontológica nas teses do autor em torno das obras que foram alvo de análise

Percebe-se que a dimensão do trabalho enquanto constitutiva do desenvolvimento humano, ou seja, como dimensão ontológica, está presente nas análises de Marx. No entanto, com a forma de organização baseada no capital, em que a sociedade é organizada por meio da universalização da forma mercadoria e pela propriedade privada, a relação de trabalho foi modificada.

Anteriormente, o trabalho humano consistia na expressão da criatividade e desenvolvimento do ser, sendo responsável pelas transformações sistemáticas nas organizações sociais. Isso foi sendo reduzido com o advento das sociedades de classes. Além disso, as revoluções industriais e o aumento da desigualdade social ocasionados pelo fenômeno de expropriação e alienação do trabalho baseado na propriedade privada, transforma o indivíduo em um apêndice das grandes máquinas de produção, uniformizando o trabalho de maneira técnica e eficaz para o aumento da produtividade. Isso resulta na perda de reconhecimento do indivíduo em seu trabalho, sendo o trabalho resultado da exploração de um indivíduo pelo outro. Ainda assim, mantém-se a característica constitutiva do trabalho enquanto dispêndio de energia física e mental, mas distancia-se do trabalho enquanto reconhecimento e desenvolvimento humano apartado da lógica de exploração.

Na primeira seção, foi possível compreender a origem do método materialista histórico-dialético, invertendo a análise hegeliana do ideal para o material e aprofundando o materialismo proposto por Feuerbach. Na segunda seção foi desenvolvida, primeiramente, a característica ontológica que o trabalho possui para Marx, ou seja, sendo inerente a existência humana. Na seção que aborda a questão do trabalho no sistema capitalista, demonstrou-se como o capital domina a força de trabalho e utiliza-a para a acumulação de riqueza.

Por fim, demonstrou-se como o trabalho estrutura o desenvolvimento do ser humano nos diferentes tempos históricos. O método materialista histórico-dialético, permite que a análise perpassasse tempos históricos diferentes, onde o trabalho é parte constitutiva do ser social. Assim, a relação ser humano e natureza, mediada pelo trabalho, norteia o desenvolvimento das diferentes sociedades.

REFERÊNCIAS

- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. Apresentação de Henrique Cláudio de Lima Vaz. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, K. **O Capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

Contribuição de Autoria

1 – João Luiz Franzon

Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

<https://orcid.org/0009-0001-6153-700X> • joaoluizfranzon22@gmail.com

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Dados de pesquisa e outros materiais podem ser obtidos entrando em contato com os autores.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Revista Sociais e Humanas (Santa Maria) mantêm os direitos autorais de seus trabalhos e concedem à revista o direito de primeira publicação, sendo o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição (CC BY-NC-ND 4.0), que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editor - chefe

José Renato Ferraz da Silveira

Como citar este artigo

FRANZON, J. L. Característica ontológica do trabalho: reflexão do conceito de trabalho em Karl Marx. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 39, e95462, 2026. DOI: 10.5902/2317175895462. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175895462>.